

Partilhando experiências: a importância da leitura da obra literária "Nadando contra a morte"

Sharing experiences: the importance of reading the literary work "Nadando contra a morte"

Compartiendo experiencias: la importancia de leer la obra literaria "Nadando contra a morte"

Kelly da Silva Oliveira¹

Susana Angelin Furlan²

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo relatar as experiências e as discussões de duas educadoras-pesquisadoras a partir da leitura da obra literária "Nadando contra a morte" de Lourenço Cazarré (2005). Foram utilizadas, metodologicamente, a pesquisa autobiográfica e a pesquisa narrativa. As reflexões que ecoaram, a partir dessa literatura, são apresentadas por meio do olhar da professora, dentro da sala de aula, e da perspectiva da pesquisadora, em sua tese de doutorado. O encontro das professoras-pesquisadoras, que aqui propõem este artigo, permitiu o mergulhar nas águas da reflexão sobre a educação e sobre a vida.

Palavras-chave: Educação; Leitura; Literatura.

Abstract: This work aimed to report the experiences and discussions of two educators-researchers, based on the reading of the literary work "Nadando contra a morte" by Lourenço Cazarré (2005). Methodologically, autobiographical research and narrative research were used. The reflections that echoed from this literature are presented through the eyes of the teacher, inside the classroom, and from the perspective of the researcher, in her doctoral thesis. The meeting of the teachers-researchers, who propose this article here, allowed diving into the waters of reflection on education and life.

Keywords: Education; Reading; Literature.

Resumen: Este trabajo tuvo como objetivo relatar las experiencias y discusiones de dos educadores-investigadores, a partir de la lectura de la obra literaria "Nadando contra a morte" de Lourenço Cazarré (2005). Metodológicamente se utilizó la investigación autobiográfica y la investigación narrativa. Las reflexiones que hicieron eco de esta literatura se presentan a través de los ojos de la docente, dentro del aula, y desde la perspectiva de la investigadora, en su tesis doctoral. El encuentro de los docentes-investigadores, que aquí proponen este artículo, permitió sumergirse en las aguas de la reflexión sobre la educación y la vida.

Palabras clave: Educación; Lectura; Literatura.

Nadando e nos encontrando: a obra e as pesquisadoras-educadoras

A obra literária "Nadando contra a morte", de Lourenço Cazarré, é um romance-reportagem que retrata a história de Maria do Amparo, uma protagonista arisca a quem o leitor

¹ UENP; UNESP

² Universidade Estadual Paulista Unesp Rio Claro, SP

busca ajudar e compreender. Um romance-reportagem, como afirma Cosson (2001), é um gênero fruto de uma mescla entre a narrativa de romance e a de jornal.

A história é contada pelo narrador-jornalista que instiga o leitor a organizar a trama, ao revelar depoimentos de seis entrevistados que presenciaram ou que ajudaram Maria do Amparo no dia em que a menina, de 14 anos, pula da ponte com um bebê recém-nascido no colo. O livro, como revela o narrador-jornalista, é constituído pelos depoimentos das personagens, apresentados na ordem em que foram encontrados por ele. Desse modo, o narrador se coloca, ao mesmo tempo, como espectador junto ao leitor, e abre espaço para outras vozes.

Ao observar as ilustrações, o leitor encontra um olhar acuado de uma menina ao lado de um peixe de aparência fúnebre na capa e, ao longo da leitura, depara-se com imagens instigantes que mesclam nitidez e nebulosidade e que abordam temas como opressão social, abuso de menores, trabalho infantil, desigualdade social, entre outras formas de violência.

Se ler é desvendar um enigma, essa obra convida o leitor a ser a pessoa que vai revelar a verdade: os capítulos apresentam facetas de um mesmo evento e vão sendo montados, pelo leitor, como um quebra-cabeça ao longo da leitura.

Após partilhar dessa tarefa de encontrar a verdade e de desvendar um enigma, este artigo se dispõe a relatar experiências de duas educadoras-pesquisadoras a partir da leitura da obra literária “Nadando contra a morte”, de Lourenço Cazarré (2005). Para isso, utilizamos, como metodologias, a pesquisa autobiográfica (Delory-Momberger, 2011) e a pesquisa narrativa (LIMA; GERALDI; GERALDI, 2015). As reflexões que ecoam dessa literatura aqui apresentadas são resultantes da leitura da obra e de trabalhos feitos a partir dela em sala de aula, bem como da reflexão de como esta obra pode enriquecer outros textos, como de uma tese de doutorado.

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade (COSSON, 2006, p. 17).

O primeiro contato com a obra literária aconteceu, na verdade, com a leitura do artigo “O romance-reportagem na biblioteca escolar: uma proposição de trabalho com a obra Nadando contra a morte, de Lourenço Cazarré”, das autoras Micaíser Faria Silva e Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira (2020). Essa leitura despertou o interesse e a curiosidade pela obra,

bem como a vontade de propor um trabalho adaptado à realidade de cada uma das professoras-pesquisadoras. O encontro com a personagem Maria do Amparo foi inspirador e nos levou a escrever sobre as diversas possibilidades de aproveitamento dessa literatura nas reflexões sobre a educação e sobre a vida.

A partir das narrativas, foi possível delinear algumas reflexões no campo da educação, seja com a experiência de uma professora que lecionou para o Ensino Fundamental e que, nesse trabalho, relata suas experiências com estudantes de 8º e 9º anos; seja com a experiência de uma doutora que utilizou da obra como inspiração metodológica para a escrita de um dos capítulos de sua tese.

Mergulhando juntos: a leitura dentro da sala de aula

Com esse relato, tenho o desejo de compartilhar com vocês, leitores, os caminhos que meus alunos escolheram para finalizar o projeto de literatura, não com a pretensão de mostrar algo perfeito ou sugerir alguma espécie de método, mas com a finalidade de partilhar uma experiência que foi humanizadora e que marcou a minha carreira como educadora. Um relato de uma experiência escolar que afirma o poder da leitura, como esclarece Cosson (2006, p. 40), “Aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas”.

A leitura fez parte de um projeto de literatura proposto ao colégio com a intenção de incentivar os alunos a lerem e a conhecerem obras literárias diversas. Eu, como professora, acredito que a leitura de diversos textos abre caminho para a reflexão e para a humanização, quando podemos, por meio das palavras, colocar-nos no lugar do outro. Essa crença é fruto de uma formação sólida, que me permitiu ter contato com bons textos, bons professores e bons autores, como Antônio Candido. Nas palavras desse autor (2004), “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”.

O colégio em que eu trabalhava na época era particular e as turmas eram de poucos alunos, no máximo doze. A coordenação demonstrou interesse no projeto e me permitiu a escolha das obras sem ressalvas. Era uma realidade propícia para o trabalho. Contudo, por conta das regras da escola, não fui autorizada a divulgar fotos ou vídeos dos alunos, nem imagens dos desenhos deles. O que me restou foram os relatos que eles digitaram no meu computador

peçoal e que, por ter sido um trabalho feito por várias mãos, não pôde ser caracterizado como próprio de um único aluno. Logo, eu guardo com carinho esse presente.

Li a obra com estudantes de duas turmas, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, ao longo de um mês. Para esse trabalho, propus a leitura de um capítulo por dia: eu lia em voz alta e, depois, abria espaço para comentários, reflexões e possíveis inferências a respeito da história. Ao longo das aulas, os alunos levantavam hipóteses, conversavam entre si a fim de desvendar o que aconteceria, além de ansiarem pela leitura.

A proposta fez parte de um projeto de literatura que visava a apresentação de diversas obras aos alunos. Era necessário, além da leitura, que, ao final de cada livro, a turma escolhesse uma maneira de apresentar ao professor e às demais turmas um trabalho de encerramento. Por ser um projeto paradigmático e que havia passado pelo crivo da coordenação escolar, era necessário que fosse feita uma avaliação final. Apesar do peso da palavra “avaliação”, desde o início, foi esclarecido para as turmas que essa avaliação seria decidida por eles e que a única regra seria a de que todos participassem. Como as turmas eram pequenas – 9 alunos no 8º ano e 12 alunos no 9º ano – foi possível realizar essa tarefa.

A turma do 8º ano optou por criar a história em imagens e assim o fizeram: na turma, havia três alunos que desenhavam muito bem e eles se organizaram para relatar a história, enquanto os outros fizeram uma televisão com caixa de papelão para que a história fosse colocada em formato de rolo e pudesse, assim, ficar à disposição dos outros alunos do colégio. Os alunos e eu conversamos sobre os estereótipos que perpassaram o processo de criação dos rostos de cada personagem e, com isso, refletimos sobre como podemos ser influenciados por diversos meios a respeito da imagem que temos de um criminoso, por exemplo.

O processo de confecção da caixa que seria a TV aconteceu por meio de pesquisas no *YouTube*, principalmente, e por meio de doação de materiais. Todo o processo de fechamento do projeto foi feito em conjunto. A TV com “Nadando contra a morte” foi exposta pelo período de uma semana no pátio do colégio e, depois, sorteada entre os alunos da turma.

Não tenho imagens desse trabalho, pois, não era permitido no colégio em que eu trabalhava, tirar fotos com celulares pessoais e as imagens feitas pelos profissionais autorizados não poderiam ser utilizadas em outros locais além do ambiente escolar, como dito anteriormente.

A turma do 9º ano optou em criar um final para a história, pois não aceitaram a impunidade e o abandono que prevaleceram na vida de Maria do Amparo. Os doze alunos do

9º ano me surpreenderam ao se organizarem para reconstruir os relatos, para gravar vídeos, para construir a narrativa com marcas jornalísticas para, enfim, fazer justiça.

Inicialmente, eles construíram um novo final para a história: o marido de Donana seria preso e ela deveria pagar uma indenização à Maria do Amparo. Para que isso fosse possível, criaram o detetive responsável para averiguar o caso e simularam depoimentos e conversas entre essa personagem e as que já faziam parte do enredo a fim de comprovar o crime. O cuidado em manter as marcas linguísticas ao criarem os depoimentos foi uma das atitudes que mais me chamaram a atenção.

Em minhas anotações pessoais, uma espécie de diário de campo, fiz observações ao longo desse processo de escrita de um novo final. Havia uma aluna na turma que era extremamente tímida e pouco interagiu. Ao longo das aulas, tanto regulares, quanto do projeto de literatura, ela ficava desenhando em seu caderno. Eram desenhos lindos, estilos mangá, que ela fazia com maestria. Essa aluna interagiu, dentro dos seus limites, com o restante da turma para ilustrar esse novo final.

Os alunos, desde o primeiro dia, uniram-se em um único grupo, com exceção de uma aluna que preferiu desenhar todo o enredo e o fez de modo individual. A interação dela com os outros alunos veio a partir dos desenhos, que renderam elogios da parte do grupo. O trabalho em um único grupo fez com que os alunos comesçassem a dialogar de modo igual: todos opinavam e, dessa forma, o exercício foi, também, o de ouvir o outro. Ao observar os alunos, notei que eles estavam corrigindo a escrita (diziam: ‘não é melhor colocar uma vírgula aqui’ ou ‘não precisa pensar nisso agora, depois, a gente decide, na hora do relato’, ‘professora em ‘para a emergência’ tem crase?’). A escrita do final da história abordou os seguintes aspectos de estudo da língua portuguesa: narrativa, relato, ortografia, gramática e texto dramático: adaptação da obra literária para o texto teatral (DIÁRIO DE CAMPO, 2021).

Durante a execução dessa tarefa, eles sempre retomavam a leitura a fim de serem o mais verossimilhantes possível. A ideia deles era a de fazer uma extensão da obra: uma que permitisse à Maria do Amparo restaurar a dignidade que lhe fora roubada. Para isso, escolheram o caminho de apresentar relatos em forma de depoimentos e, dessa forma, manter o estilo da obra, a partir da perspectiva dos personagens, após a acusação de Clóvis, o abusador.

Tanto a escrita dos novos relatos, quanto os desenhos e a gravação dos depoimentos foram feitos ao longo das aulas destinadas ao projeto. A aluna que preferiu ilustrar a história desenhava em seu celular por um aplicativo que ela tinha familiaridade e me enviava os desenhos, após apreciação da turma, via *WhatsApp* (mesmo com os desenhos salvos, não foi permitida a sua divulgação). Os demais alunos, no momento da escrita dos relatos, usaram o

meu computador e fizeram os relatos em conjunto. Ao escrever, eles pensavam sobre como seria a reação de cada personagem e sobre como cada um tinha consciência ou não de que Maria do Amparo era vítima de um abuso.

Dentre os textos, o que mais me chamou a atenção foi o perfil traçado para Donana, a mulher do criminoso, que, de forma cruel, revela como ela via Maria do Amparo. O relato da mulher é apresentado no mesmo formato da obra: há a interferência subentendida de um narrador-jornalista (nós leitores, podemos, pelo contexto preencher os espaços com perguntas de um repórter) que colhe o depoimento da mulher. No relato, Donana conta como foi, para ela, o momento em que marido foi acusado e levado pela polícia:

Quando chegaram na minha casa, eu e o Clóvis estávamos assistindo televisão e as crianças no quarto dormindo. Naquele dia, eu trabalhei muito e minha cabeça estava fervendo de ódio por conta daquela menina, se ela não conseguisse se livrar da criança eu nem sei o que eu faria, mas também eu não tinha culpa, ela engravidou porque quis. Os policiais chegaram arrombando a porta, nunca tinha visto aquilo, porque eu nasci em família com condições e ninguém nunca nem precisou ligar pra polícia, todos são civilizados. Entraram já algemando meu marido e eu fiquei indignada com aquilo, Clóvis é um pai de família, trabalhador, ele só fica alterado quando bebe, mas eu duvido que seria capaz de cometer um crime. Levaram a gente para a delegacia, disseram que ele seria preso por estupro de vulnerável, na hora lembrei da Maria do Amparo e aquela criança, me subiu mais raiva ainda, meus filhos ficariam sem pai por conta daquela vagabunda, fui e direção a ela e falei que era uma destruidora de famílias, disse também que era culpa dela sim porque ela ficava de vestido curto o dia inteiro e que merecia sim para aprender. Se eu me arrependo do que falei? Nem um pouco, não me importo com essa gatinha (DIÁRIO DE CAMPO, 2021).

Essa escolha – perfil da personagem, linguajar, colocação de um narrador-jornalista implícito – foi surpreendente para mim, como professora. Há muitas camadas que podem ser desdobradas e discutidas a partir dessa combinação de palavras para demonstrar as desigualdades sociais e as incongruências humanas. Há, na minha perspectiva de docente, uma riqueza imensurável de reflexão e de expressão por meio da linguagem.

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. [...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrições de direitos, ou de negação deles, como a miséria, a escravidão, a mutilação espiritual (CANDIDO, 2004, p. 188).

Essa atitude foi orgânica e, nesse relato, o desejo foi o de compartilhar aquilo que permaneceu após findar a leitura da obra: ecoaram, naquela sala de aula, ideais de justiça e de respeito ao próximo na identificação com a personagem que tanto sofre e que tanto cala, ao longo da trama. Os jovens deram voz à menina, ouviram-na, do seu modo. Ao longo do fechamento, apesar da vontade de escrever um final feliz para a menina, os alunos optaram por representar a tragédia. Após uma longa discussão, concordaram que as chances de Maria do Amparo no mundo real seriam ínfimas e, portanto, decidiram e apresentaram o final para nós, leitores, por meio do relato do narrador-jornalista:

Quando eu cheguei no local, já estavam retirando a garota da água. Na hora pensei que ela tinha depressão e teria tentado tirar sua própria vida. O que eu acho sobre a nenê? Ah eu nem pensei muito em como ela teria engravidado pois não sabia nem o que a nenê era dela, então não pensei em estupro nenhum. Depois que me contaram o que havia acontecido, achei um absurdo, claro. Fique completamente indignado, o mundo está perdido mesmo. Conversamos um pouco (eu e os bombeiros) depois fui preparar as coisas para colocar nos jornais. Irei anunciar nas televisões que uma garota de apenas 14 anos foi estuprada pelo marido de sua patroa e que a justiça foi feita, mas tarde demais e que, por conta desse sofrimento e toda pressão familiar, a garota tirou sua vida e o bebê foi encaminhado para adoção (DIÁRIO DE CAMPO, 2021).

Podemos perceber que, nesse relato, o narrador-jornalista também dialoga com alguém. Ao longo da trama, nós, leitores, vestimos a pele do narrador-jornalista ao criar/preencher as perguntas que estão implícitas nos diálogos. Ao final da obra – esse final feito pela turma do 9º ano – nós, leitores, somos quem fazemos as perguntas implícitas neste último depoimento. Esta escolha dos alunos nos coloca na posição de leitores-investigadores. Um trabalho consciente e extremamente rico, marcante, na minha carreira docente. Marcante, também, para os alunos-leitores-investigadores-narradores-jornalistas. Todos, sem dúvida, mergulhamos nessa experiência e saímos dela ensopados, cada um à sua maneira, das águas do conhecimento.

Nadando para a sobrevivência de uma tese

A minha tese teve como tema as diferentes gerações que se reuniam no Centro de Referência de Assistência Social – CRAS - e como elas se encontravam, relacionavam-se, e se comportavam perante a intergeracionalidade que o local proporcionava. Um doutorado que começou em agosto de 2018 e foi concluído em dezembro de 2022, realizado no meio de uma

pandemia e que teve que ser adaptado diversas vezes por conta da impossibilidade de reunir muitas pessoas em um mesmo lugar.

A tese teve como metodologia a cartografia e, nesta metodologia, pudemos pensar em traçar linhas de um território existencial, tornar visível algo invisível (ROLNIK, 2007). Cartografia não se aplica, mas se pratica, visto que não é uma metodologia rígida, pelo contrário, possibilita uma invenção para relatar as experiências. E a nossa forma inventiva de relatar as experiências foi através dos artefatos culturais. Todos os capítulos da tese são inspirados em obras literárias, em obras cinematográficas, em músicas, em poemas, entre outros.

O capítulo, que é correspondente ao capítulo final até a data da qualificação (momento em que não sabíamos se realmente conseguiríamos fazer as oficinas, por conta da pandemia da Covid-19), foi nomeado “Navegando contra a morte de uma tese”, que surge depois da leitura da obra *Nadando contra a morte* (2005). A ideia era a de fazer um capítulo em que, como na obra, a história não fosse contada pelo narrador, autor, ou pela pesquisadora, mas pelas pessoas que estavam envolvidas na história, ou, no nosso caso, na pesquisa.

A maneira como Cazarré apresenta o processo de reportagem e os relatos ao longo da trama foi inspiradora para que eu pudesse atribuir aos relatos das pessoas que fui encontrando na pesquisa a importância que tinham e mereciam. Sendo assim, agora, apresento a você, leitor, alguns relatos, pontos de ancoragem, que valem a reflexão e que foram cruciais para a tentativa de voltar a navegar contra a morte de uma tese. Começamos aqui destacando a percepção de família que foi mudando e que apareceu na fala de um dos participantes da pesquisa:

Vou desenhar aqui, quero ser pizzaiolo. Vamos desenhar uma pizza, e um cogumelo. Já vou, dá tempo. Isso, me ajuda a recortar. Essa tesoura tá dura. Isso, essa melhorou.
Na família vou colocar só minha mãe. Não, não quero casar nem namorar. Só minha mãe mesmo. Somos só nós.
Isso mãe, vou estudar, pode deixar. Não, só a gente mesmo.
A minha mãe certeza que ela vai colocar feijão e courinho de porco. Falando nisso tem um courinho fora da geladeira, acho que vai estragar. Minha mãe gosta de comer courinho de porco no feijão, acertei na mosca. Eu gosto de comer macarrão, errou. Ela gastaria em comida, errei, ela falou internet pra mim. Eu gastaria em pipa e em doce, errou [sic.] (KAIO, 2021 – relato verbal).

O companheirismo é uma marca tão aparente que Kaio, que tem 11 anos, por exemplo, deixa evidente que não vai namorar nem se casar, quer ficar cuidando da mãe. A mãe dele é uma pessoa com deficiência física e, em sua casa, moram somente os dois, tudo isso colabora

para o cuidado que um tem com o outro, que se torna evidente logo no primeiro contato. Quando tivemos uma dinâmica de responder antecipadamente qual era a comida preferida e o que cada um faria se ganhasse 100 reais, mãe e filho acertaram as respostas de cada um. Destaque para o carinho e cuidado na fala de Kaio ao dizer que a mãe adorava courinho de porco no feijão: acertando na “mosca”.

Segundo Comodo (2012), o termo “família” surgiu primeiro na Roma Antiga, para designar o conjunto dos dependentes e servos de um chefe. No Brasil Colonial, era predominante a estrutura da família patriarcal (centrada no patriarca, no homem) extensa, destaque para o respeito cego ao patriarca, sendo que os casamentos eram iniciados por suas escolhas e marcados pela ausência das relações afetivas. Desde então, temos uma série de mudanças econômicas, religiosas, sociais e culturais, como a entrada e a consolidação da mulher no mercado de trabalho, que opta pelo uso dos contraceptivos e temos uma baixa taxa de fecundidade, o aumento da expectativa de vida, a aceitação do divórcio e das uniões homoafetivas que incidem diretamente nas concepções e estruturas da família.

Sendo ela, a família, a primeira agência de controle que o indivíduo se insere, ela se torna responsável por punir os comportamentos que entende como inadequados e por reforçar os comportamentos que concebe como adequados. É por meio dessa instituição ainda que a criança adquire as regras, os costumes, os valores que vão ser inseridos em outras agências de controle, sendo assim, quando ela adquire na primeira fase da vida suas práticas culturais, ela também colabora com a transmissão, a disseminação e a transformação dessas práticas (COMODO, 2012).

Assim, é interessante destacar Schmidt (2007) que, ao fazer um retrospecto do que é família, mostra que não há família desestruturada ou incompleta, que, quando usamos esses termos, há um discurso implícito de incompletude e inferioridade e uma comparação com um modelo que não é mais o vigente. A transformação, talvez maior, na família seja a forma de organização e, hoje, cada vez mais, ela passa a ter critérios próprios baseados principalmente no diálogo, na amizade e nas necessidades dos cumprimentos de obrigações.

Ainda sobre família dentro da tese, temos o depoimento de Sônia que fala sobre os dois filhos:

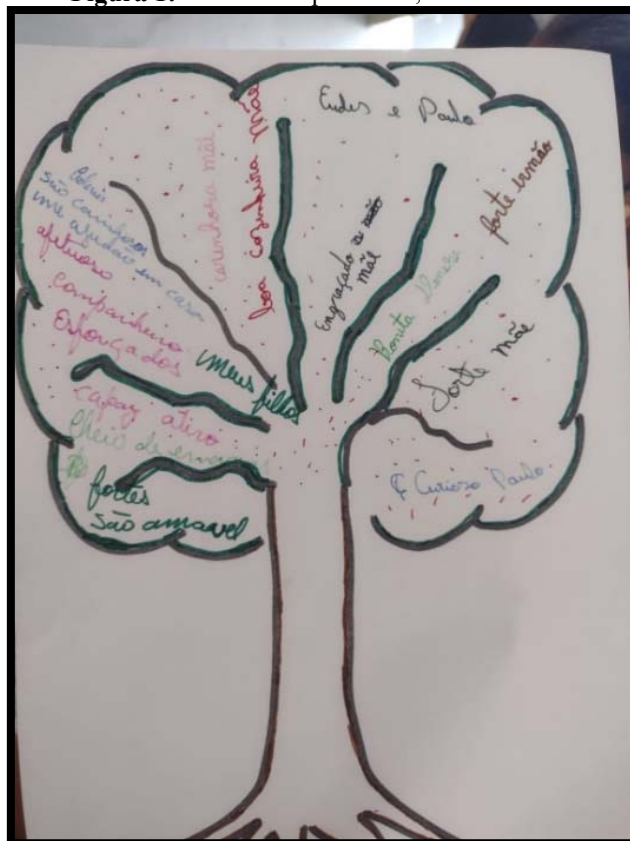
Eles são meus companheiros. É só eu e eles desde pequeninhos, se eu vou em algum lugar é eu e eles, não fico sem levar um, só se tiver na escola. Mas me ajudam, ajudavam o avô dele agora, o problema é a palavra não, eles não entendem não. Eles não têm preguiça, mas é a desobediência, aí fora não tem nada de bom, esse é meu medo. Principalmente esse (aponta pra Eudes), nunca

me respondeu. Eles sabem comprar, sabem trazer pronto. Eu não posso abrir guarda porque o bairro nosso tá muito perigoso. E cê sabe que quando os guarda invoca, invoca né, esse é meu medo. Eu sempre trabalhei muito cedo, então eles têm que estudar, se preocupar com isso para ter uma vida menos dura do que eu tive, ser trabalhar. [sic.] (SÔNIA, 2021 – relato verbal).

Seus filhos, Eudes e Paulo têm muita desenvoltura para fazer as atividades, destacam-se, pois leem bem e falam bem, colocam-se sempre para dar exemplos, para fazer as atividades. Eles também acertaram todas as respostas sobre a preferência da mãe e, como elogio, Paulo disse, com uma interrogativa, a respeito da mãe: forte? Sempre dá esse elogio a ela, como quando fez a árvore com a qualidade dos membros da família.

Pereira (2014) entende que a transmissão intergeracional não resulta sempre na perpetuação do costume, ou seja, as tradições, os rituais, os legados, são modificados e é possível romper a tradição, entendendo que é possível o ajuste em função da trajetória familiar, resultado, por exemplo, da educação e das projeções sobre os jovens. Sônia fala sobre os filhos estudarem e terem uma vida “menos dura” do que foi para ela, citando a falta de oportunidade que teve.

Figura 1: árvore feita por Sônia, Eudes e Paulo



Fonte: acervo da autora, 2021

Por último, nesse artigo, destacamos as falas de Antônia e nossa discussão acerca da alfabetização e oportunidades:

Usamos sim a tabela.
Lavar o banheiro.
Outro dia elas subiram lá em cima da casa pra limpar a casa. É perigoso né?
A caixa d'água. Eu falei pra elas que é perigoso. Elas não obedecem eu, pegam a escada e sobem. Quando vi já estavam em cima do telhado. Elas não me escutam, já caiu, machucou.
Fogão é perigoso né, elas não podem mexer.
Você me ajuda aqui?
Elas brigam muito, quando vejo já tão puxando o cabelo uma da outra, é difícil. Aí vou colocar pra se brigarem ir lá e arrumar o guarda-roupa.
Me ajuda? Eu fugi da escola, precisava trabalhar. Você lê pra mim?
Obrigada. [sic.] (ANTÔNIA, 2021 – relato verbal).

Falar sobre educação formal e alfabetização no Brasil ainda requer falar de oportunidades e isso ficou claro quando Antônia me pediu ajuda para ler um cartão em uma dinâmica porque “fugiu da escola”, pois precisava trabalhar.

É a realidade de muitas pessoas que participam dos CRAS. Justamente por isso, existe um grupo chamado “Reescrevendo a vida” que conta com uma professora que alfabetiza jovens e adultos buscando emancipação, liberdade e melhores condições.

Destacamos a importância de olhar para a Andragogia, que diz respeito à educação de adultos. Os processos de ensino e aprendizagem da criança e do adulto são diferentes, é preciso que, com o adulto, não haja um processo de infantilização da aprendizagem. O adulto que procura o programa “Reescrevendo a vida”, por exemplo, busca autonomia e emancipação, sendo assim, tem disponibilidade de tempo e motivação diferentes da criança que está na escola por obrigação dos pais. O tempo de estar na escola se torna precioso para o adulto. É necessário, pois, buscar pelo protagonismo do estudante no processo de ensino, para que o adulto sinta que suas experiências estão sendo valorizadas.

Na pandemia, o processo de alfabetização, como pudemos perceber com mais frequência, sofreu as sequelas do tempo que os alunos ficaram sem aulas presenciais. Aqueles que já sabiam ler e escrever demoraram um tempo menor para se situarem perante a matéria, o processo de ensino se deu e se dará de uma forma mais tranquila, porém, aqueles que não sabiam e ficaram 1 ano e meio sem a presença física sofrerão um pouco mais.

A alfabetização leva tempo, presença, modo de estar que o online e/ou a distância, muitas vezes, não dá conta. É necessário sentir o traçado da letra, concentrar-se em um lugar próprio para isso, estar de corpo e mente presentes e focados para isso. E não foi isso que

aconteceu nesse momento pandêmico. Na volta de um dos grupos ainda em pandemia com adolescentes de 10 a 14 anos (Programa famílias fortes), o que pudemos notar é que a grande maioria que ali estava não sabia ler ainda, o que comprometia algumas dinâmicas que necessitavam de leitura e de interpretação de pequenas frases e problemas a serem resolvidos.

Porém, nesse programa, também foi possível ver uma interação das educadoras sociais do CRAS, que promovia a escola como local de aprendizagem e de futuro, quando, em uma dinâmica sobre sonhos e planos, os adolescentes responderam e tiveram um tempo para conversar com as mães sobre como chegar até seus objetivos para o futuro e todos os conselhos tinham a escola como uma via. Se quer ser pizzaiolo, tem que saber nutrição, tem que saber medir quantidade, tem que ir à escola; se quer ser policial tem que estudar, entrar em um concurso, tem que ir à escola, entre outros carreiras e sonhos que tinham na educação o caminho.

A educação nas sociedades ocidentais sempre foi nutrida por abordagens que entendiam que o adulto era a fase de referência e o símbolo da maturidade, sendo assim, destituiu-se o inacabamento, que é inerente a qualquer ser humano. A relação está baseada em alguém que transmite e alguém que absorve, a escola deixa assim de ser espaço de produção de conhecimento e reflexão na (com) vivência. Nos moldes de hoje, a escola vira um espaço emblemático com suas normas de ordenamento cronológico, que cria barreiras geracionais, pela forma que é organizada, e, mais do que proporcionar a troca, ela classifica e limita.

Porém, como ressalta Ribas (2006), os relacionamentos recíprocos entre as gerações ajudam no compartilhamento, no respeito às diferenças, mostrando que, mesmo na mesma geração, há a heterogeneidade e esta deve ser entendida de forma mais afetiva, de modo que ser diferente não implica no desigual, mas no respeito, que concerne ao pertencimento à mesma geração.

Outras falas e temas intergeracionais vão abarcando toda a tese, só trouxemos alguns exemplos para mostrar como nadando contra a morte inspirou a escrever através de relatos, através dos próprios depoimentos de quem convive no CRAS.

Continue a nadar

Neste caminhar de narrativas-poéticas, apresentamos nossas reflexões sobre a importância da literatura na vida de pesquisadores, de educadores e de estudantes como um caminho para a construção de ideais de respeito e de empatia, visto que o leitor é concebido

como construtor de sentidos e, desse modo, contribui para o desenvolvimento da leitura como prática humanizadora (CANDIDO, 2004).

Sendo assim, nós, pesquisadoras-educadoras, seguiremos mergulhando nas águas da literatura, acompanhadas ou não de estudantes, mas nunca solitárias. Afinal, “ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço” (COSSON, 2006, p. 27). Deixamos aqui nesse artigo, nesses relatos registrados, os nossos desejos de mergulhar e, de convidar vocês, leitores, a vir com a gente, a nadar contra a morte ou qualquer indício de tentativa de morte ou de redução da importância da literatura para a formação humana.

Referências

- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, A. **Vários escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 174-182.
- CAZARRÉ, Lourenço. **Nadando contra a morte**. Ilustr. Ana Raquel. 3.ed. São Paulo: Formato, 2005.
- COSSON, Rildo. **Romance-reportagem**: o gênero. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 333-346, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982011000100015>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982011000100015&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 fev. 2019.
- FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro; SILVA, Micaíser Faria. O romance-reportagem na biblioteca escolar: uma proposição de trabalho com a obra *Nadando contra a morte*, de Lourenço Cazarré. *In*: GRAZIOLI, F. T; COENGA, R. E. (org.). **Literatura para crianças e jovens**: questões históricas, perspectivas contemporâneas e leitura. Jundiaí: Paco Editorial, 2020, v. 1, p. 39-59.
- COMODO, Camila Negreiro. **Intergeracionalidade das habilidades sociais entre pais e seus filhos adolescentes**. 2012. 120f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UFSCAR, 2012.
- LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; GERALDI, Corinta Maria Grisolia; GERALDI, João Wanderley. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação em Revista**, v. 31, n. 1, p. 17-44. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698130280>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010246982015000100017&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 23 fev.2019.
- PEREIRA, Melina de Carvalho. **Entre pais e filhos**: um estudo intergeracional sobre valores. 2014. 134f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, 2014.

RIBAS, Maria Guiomar de Carvalho. **Música na educação de jovens e adultos:** um estudo sobre práticas musicais entre as gerações. 2006. 199f. Tese (Doutorado em música) – UFRS, Porto Alegre. 2006.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina: UFRGS, 2007, p. 65-66.

SCHMIDT, Cristiane. **As relações entre avós e netos:** possibilidades co-educativas? 2007. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2007.

Sobre as autoras

Kelly da Silva Oliveira: Graduada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e Francesa e respectivas literaturas, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Assis), em 2011. Pós-graduação na área de Educação: Mestrado em Educação pela UNESP-Presidente Prudente, em 2017. Atualmente, é professora da rede particular de ensino, atende às turmas de Ensino Fundamental e Médio, nas disciplinas Gramática e Redação. Participa dos Grupos de Pesquisa Literatura juvenil: crítica e história (UENP); Literatura e formação do leitor: implicações estéticas, históricas e sociais (UNESP).

E-mail: kellyletrasunesp@gmail.com

Susana Angelin Furlan: Atualmente é professora de Educação Física na rede municipal de Capivari. Doutora em Educação, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Rio Claro. Mestre pelo Programa de pós-graduação em Educação da FCT-UNESP de Presidente Prudente, bolsista Fapesp com a temática tempo e Educação Infantil. Graduada em Educação Física pela FCT-UNESP, campus de Presidente Prudente, com experiência de três anos como bolsista de Iniciação Científica financiada pela CNPQ-PIBIC na temática de Mídias televisivas e Educação Infantil. Formada em Pedagogia pela Unicesumar. Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas Linguagem-Experiência-Memória-Formação-GEP-Linguagens (CNPq), Laboratório Escriarte.

E-mail: susanaangelin20@gmail.com

Recebido em: 13 jul. 2023

Aprovado em: 19 set. 2023